

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O ESPAÇO RURAL ENTRE DISCENTES DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

### *SOCIAL REPRESENTATIONS OF THE COUNTRYSIDE AMONG AGRARIAN SCIENCES' STUDENTS*

*Débora Brandão de PAULA<sup>1</sup>  
Sheila Maria DOULA<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O artigo analisa as representações sociais que discentes de ciências agrárias de origem rural e urbana da Universidade Federal de Viçosa elaboram sobre o espaço rural. São analisados dados provenientes de quarenta questionários que abordaram as motivações e expectativas sobre os cursos, assim como o imaginário construído pelos discentes acerca do espaço no qual pretendem atuar profissionalmente no futuro. Percebe-se que os alunos que planejam atuar no espaço rural apresentam uma compreensão do campo que ultrapassa o imaginário técnico ou econômico que historicamente se construiu sobre ele, incorporando em seus discursos uma concepção humanista e sociológica das dinâmicas rurais na atualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações sociais. Ciências agrárias. Espaço rural.

#### INTRODUÇÃO

Partindo da premissa de que a formação profissional é responsável pela qualificação de indivíduos que articulem teoria e prática de maneira ordenada e produtiva, este trabalho analisa as representações de universitários de origem rural e urbana sobre a formação em cursos pertencentes à área de ciências agrárias da Universidade Federal de Viçosa – Minas Gerais, buscando especificamente investigar quais as motivações que levam os universitários a optarem por esses cursos, a expectativa de atuação profissional, os tipos de contato dos jovens com o meio rural e o imaginário que constroem acerca do espaço no qual irão exercer suas funções.

Para tanto, estabeleceu-se um diálogo com autores que discorrem sobre a tensão que se faz presente no momento da escolha profissional e entre as motivações internas individuais e as influências externas que se manifestam por intermédio da sociedade, da família e de outras instituições. Como apontam os estudos realizados por Naiiff, Monteiro e Froehlich (2012), Rezende (2012), Godinho e Carvalho (2010), Seifert e Santiago (2009) e Pimentel et.al (2008) os cursos superiores geralmente ofertados aos discentes de ciências agrárias apresentam um viés dicotomizado e tecnicista, direcionando a capacidade perceptiva desses alunos apenas para a compreensão dos modos de produção e índices de produtividade do campo, esquecendo-se de contemplar as especificidades socioculturais das populações que residem nesse espaço.

<sup>1</sup> Pedagoga. Especialista em Supervisão, Inspeção, Gestão e Orientação Escolar. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa. Pesquisadora do Observatório da Juventude Rural – UFV. Endereço eletrônico: debora.brandao@ufv.br

<sup>2</sup> Doutora em Antropologia Social. Professora do Programa de Pós-graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa. Coordenadora do Observatório da Juventude Rural – UFV. Endereço eletrônico: sheiladoula@gmail.com

Os dados obtidos em nossa pesquisa mostram que dentre os motivos centrais da escolha de cursos da área de ciências agrárias estão a amplitude do mercado de trabalho, na perspectiva dos jovens urbanos e, por outro lado, os conhecimentos prévios adquiridos sobre as práticas agropecuárias e o desejo de melhorar a propriedade familiar, na perspectiva dos jovens rurais. Os discentes de origem urbana demonstraram maior preocupação com a sua inserção no mercado de trabalho, independente do lugar, e os jovens rurais, por sua vez, deixaram transparecer em diversos momentos o interesse em atuar na sua localidade de origem, o que atesta a importância da elaboração de políticas públicas que assegurem a permanência desses profissionais em suas próprias comunidades rurais. (BRUMER, 2014).

Percebeu-se, estatisticamente, a preocupação limitada dos discentes com status, prestígio e reconhecimento social, o que de acordo com Hoffmann (1993), é um fato significativo visto que a preocupação demasiada com esses aspectos pode resultar na escolha equivocada de uma profissão. Os estudantes demonstraram conceber o meio rural para além de seu viés de “produtor de alimentos”, concepção esta que prevalece em diversos cursos de ciências agrárias. (REZENDE, 2012).

Diante da definição apresentada pelos participantes da pesquisa sobre o meio rural como espaço de vida (WANDERLEY, 2009), marcado por especificidades e heterogeneidades que necessitam ser respeitadas e valorizadas, o estudo identificou na trajetória da Universidade Federal de Viçosa a prática de estimular o contato dos jovens universitários com o meio rural através de programas de extensão universitária, assim como de parcerias com organizações sindicais, associações de trabalhadores rurais, movimentos sociais e cooperativas. Por intermédio dessas ações a UFV tem criado oportunidades aos discentes de realizar estágios curriculares em comunidades rurais, assentamentos, dentre outros, o que parece estar colaborando para uma compreensão de meio rural para além de seu caráter produtivista, como verificado nas falas dos participantes da pesquisa.

As análises sobre o tipo de contato que os discentes apresentaram com o meio rural revelaram que parte significativa dos discentes de origem urbana nunca mantiveram contato com o espaço rural antes do ingresso no curso, o que poderia resultar em uma maior dificuldade para esses estudantes compreenderem e se adaptarem a um universo físico e simbólico diferente daquele vivido em suas trajetórias pré-universitárias.

## **A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES NO ÂMBITO DA ESCOLHA PROFISSIONAL: CARACTERÍSTICAS DO IMAGINÁRIO JUVENIL ACERCA DA PROFISSÃO**

A teoria das representações sociais configura-se em um potencial caminho para a interpretação e a problematização de especificidades do comportamento social. De acordo com Jodelet (2001), as representações sociais se manifestam como uma forma de conhecimento desenvolvida pelos indivíduos e pelas sociedades para construir sua

visão em relação a objetos, situações e contextos aos quais estão articuladas. Para a autora, a representação social permite a compreensão de formas de agir e de se comportar no mundo, visto que o processo de representação apresenta um caráter simbólico, significante e construtivo sempre presente nas interações sociais.

Para que se compreendam as representações que os jovens constroem sobre a vida acadêmica e o futuro profissional é necessário analisá-las como elementos afetivos, mentais e sociais, levando em consideração as relações sociais que tendem a afetá-las, bem como a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm de intervir. (JODELET; 2001). Na escolha de uma profissão algumas instituições como a família, a escola e mesmo a mídia exercem um papel preponderante, pois também fazem circular suas próprias representações sobre os papéis sociais, status e prestígio, veiculando uma escala de valores à qual os jovens podem recorrer na tomada de decisão profissional.

Soares (2002) afirma que esse processo de escolha é delicado pois instituições como escola e família, em alguns casos, ao invés de contribuírem acabam exercendo a função oposta, produzindo ansiedades e inquietações nos jovens. A autora destaca que a própria pressão de estudar para o ingresso no ensino superior coloca-se no centro dessa ansiedade, quando o jovem dedica horas de estudo sem estar certo da profissão a ser escolhida, o que causa um grande sentimento de insatisfação e culpa, dificultando ainda mais o processo de escolha de um curso. Segundo ela, a própria escola não tem criado oportunidades para o processo de autoconhecimento, interiorização e reflexão pessoal no jovem, sendo que em sala de aula não são discutidas questões como: quem sou eu? O que quero? Do que gosto? Por que gosto? Como me sinto realizado? São tratados apenas conteúdos teóricos, principalmente aqueles mais valorizados socialmente e cobrados pelos processos de seleção.

Nesta linha de argumentação considera-se que a escolha de um curso superior - e consequentemente de uma profissão - é um momento emblemático onde o indivíduo vê-se diante de fatores internos e externos que tendem a influenciar a sua decisão. Segundo Leccardi (2005), os jovens que vivem na “segunda modernidade” constroem estratégias de mediação entre a necessidade de controle subjetivo sobre o tempo futuro e o ambiente social altamente arriscado e incerto de nossos dias, o que consequentemente os levam a buscar um equilíbrio entre vários fatores para a tomada de decisão, sobretudo a de âmbito profissional.

Vale destacar que em termos de expectativa profissional, as gerações denominadas sociologicamente de Y e Z, que compreendem indivíduos nascidos a partir dos anos de 1980 e 1990, apresentam características distintas das de gerações anteriores, pois estão imersas em um contexto de reconfiguração e flexibilização do trabalho. Os jovens vivem hoje em um cenário individualista e marcado por informações de naturezas muito diversificadas; enfrentam também várias mudanças que se manifestam no campo do ensino superior, que antes era visualizado como oportunidade ímpar de se obter ascensão social, mas que atualmente não se configura como fonte

de estabilidade garantida. No entanto, segundo Soares (2002), grande porcentagem dos jovens ainda procura se formar acreditando ser este um caminho privilegiado, deixando transparecer a associação que estabelecem entre formação profissional e segurança empregatícia.

Soares (2002) também considera que a escolha de uma profissão necessita ser plenamente integrada e percebida pelo jovem, pois essa escolha implica em problematizar o passado, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes vivenciados e a definição e delimitação de um futuro que se quer ter, já que o trabalho escolhido pode ou não possibilitar a concretização dessas projeções. A autora ainda enfatiza que as expectativas quanto ao futuro estão carregadas de afetos, esperanças, medos e inseguranças, não somente do indivíduo, mas também de seus familiares e de todos os que estão participando desse projeto.

Duveen (2003) concorda que as representações sociais incidem sobre a escolha da profissão visto que, como sistemas de interpretação, elas tendem a regular a relação dos sujeitos uns com os outros e com o mundo, refletindo conseqüentemente na construção das identidades. Assim, deve-se levar em consideração que o projeto dos jovens com relação ao futuro profissional é configurado por discursos e imagens difundidos pela sociedade e suas instituições, que sofrem por sua vez, modificações ao longo do tempo.

Whitaker (1997) destaca que em torno das profissões são criados alguns mitos que podem induzir os alunos a equívocos. O verdadeiro conteúdo dos cursos (técnicos ou superiores) raramente é conhecido pelos jovens e nenhuma profissão está associada a apenas uma área do conhecimento como alguns estudantes acreditam. Além disso, cria-se a concepção de que “quanto maior a escolaridade, maiores e mais promissoras serão as chances de inserção no mercado de trabalho”. Esta retórica, na perspectiva de Tartuce, Nunes e Almeida (2010), já não conta com raízes sólidas, pois a formação profissional não é mais sinônimo de empregabilidade como foi em um passado recente.

Percebe-se, portanto, que para o imaginário juvenil sobre a formação e o exercício profissional podem concorrer informações deturpadas, levando à construção de uma imagem incoerente com a real estrutura do curso que virão a escolher e do mercado de trabalho no qual estarão inseridos. Segundo Pesavento (1995), essa projeção sobre o futuro é permeada por várias influências (culturais, econômicas, políticas, dentre outras) e a busca de um sentido, própria do processo de representar, implica em estabelecer nexos significativos em um “jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam” e “onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber”. (PESAVENTO, 1995, p. 24).

A partir dessas considerações, uma indagação que reúne forças refere-se aos elementos que orientam os jovens rurais e urbanos para o ingresso em cursos superiores pertencentes às ciências agrárias, bem como as expectativas profissionais desta escolha, visto que o espaço rural é marcado por representações enraizadas no imaginário

da sociedade brasileira, o que coloca aos discentes o desafio de romper ou cristalizar certas imagens e atuar profissionalmente a partir delas.

### CONTEXTO CONTEMPORÂNEO DAS RECONFIGURAÇÕES DO RURAL E O RURAL PELO PRISMA DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Pesquisadores das ciências sociais que analisam o mundo rural contemporâneo destacam um processo ressignificação desse espaço e suas populações devido ao encurtamento das distâncias físicas e culturais que acabam por entrelaçar as funções urbanas e rurais. Por esse prisma o meio rural deixou de ser estritamente um espaço de produção agrícola, passando a desempenhar um papel multifuncional, inclusive com atividades tipicamente urbanas (com espaços ocupados por indústrias e centros de alta tecnologia, por exemplo), além de novas funções demandadas pela sociedade, como a preservação ambiental e a disponibilidade de áreas de lazer e turismo, porém mantendo sua função primordial na produção de alimentos. (WANDERLEY, 2009; CARNEIRO, 2012).

Froehlich (2003) argumenta que na contemporaneidade várias representações sobre o rural, combinando matrizes simbólicas diversas, colocam em circulação um movimento de decomposição-recomposição nas configurações socioespaciais e identitárias que as populações rurais elaboram sobre si mesmas, mas também nas releituras que a população urbana cria em relação a elas. Nesse movimento representações sobre o “velho” e o “novo”, o “antigo” e o “moderno” se justapõem ou mesmo se fundem, retomando estereótipos historicamente construídos. Assim, destacar esse duplo processo na condução da análise se torna importante na medida em que, como informado anteriormente, o foco do artigo recai sobre as representações de jovens rurais e urbanos sobre o campo.

Segundo Éboli (2007), alguns desses estereótipos procedem e são disseminados pelos meios de comunicação de massa e passam a integrar o imaginário social. Verifica-se a difusão nesses meios de uma imagem de rural urbanizado, na qual sua população é representada como aquela que vence os obstáculos mesmo diante de circunstâncias adversas e onde o saber técnico-científico é sempre apresentado como uma rica possibilidade de desenvolvimento integral. A esse respeito, Além (1996) mostra que a ressemantização do rural subsidiada pela difusão generalizada da indústria cultural no Brasil, que se consolidou após os anos 80, assim como as alterações sociais agrárias após o processo de modernização, resultaram na reconstrução social e simbólica do rural como um espaço “mais moderno”.

Por outro lado, representações sobre um rural arcaico e atrasado, ou romantizado pelo prisma do apego às tradições, ainda circulam pela sociedade, muitas vezes reforçando o papel quase messiânico do profissional que recebe formação acadêmico-científica. Além (1996) evidencia que a difusão de um projeto de modernização para o espaço rural, formulado a partir dos anos de 1950, colocou a racionalidade técnico-

-científica como a única saída capaz de conter a estagnação ou mesmo o desaparecimento desse espaço. O autor enfatiza que a forma racional como o rural passou a ser interpretado colaborou para colocar os aspectos socioculturais em segundo plano, privilegiando-se os interesses econômicos e administrativos.

Alguns pesquisadores, ao analisarem as formas como esses estereótipos ecoam nos conteúdos da formação em ciências agrárias, destacam a prevalência da visão tecnicista, o que imprime ao futuro profissional dos alunos a missão civilizatória da modernização. Godinho e Carvalho (2010), por exemplo, problematizam que a formação disponibilizada a esses profissionais encontra-se defasada, dada a predominância de conteúdos curriculares produtivistas que foram organizados por influência da Revolução Verde.

Em consonância, Naiff, Monteiro e Froehlich (2012) destacam que a formação oferecida por duas universidades federais brasileiras tem apresentado limitações no que refere-se à “busca de sentidos” para o espaço rural, que é construído por relações singulares e subjetivas que compõem sua visão de mundo; esse viés vem orientando os discentes por diretrizes capitalistas que “valorizam” mais os produtores rurais que almejam ascender por intermédio do aumento da produtividade, do que a compreensão do trabalho não apenas como forma de obtenção financeira, mas também como “identidade”.

Seifert e Santiago (2009), por sua vez, destacam que os conteúdos curriculares dos cursos de ciências agrárias das universidades e também dos cursos técnicos propiciam uma “formação generalista”, mais compartimentada, não contemplando aspectos como a saúde do trabalhador rural, por exemplo, que pode ser afetada como consequência do uso de produtos químicos na agricultura.

A partir desses estudos cabe perguntar como em um cenário híbrido, onde novos significados estão sendo processados sobre o papel da profissão e o lócus do trabalho, se orientam as opções de jovens rurais e urbanos por cursos pertencentes à área de ciências agrárias.

## **METODOLOGIA**

A natureza da pesquisa foi de ordem qualitativa, baseada na aplicação de quarenta questionários. Os dados foram tabulados e organizados em cadeias lógicas de evidência, possibilitando o diálogo com a bibliografia consultada.

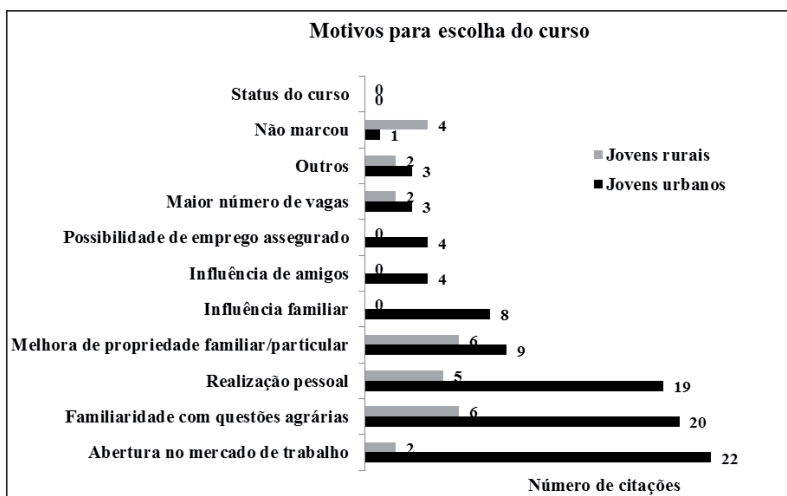
A população e a amostra para a obtenção de dados concentraram-se no município de Viçosa - MG, mais especificamente na Universidade Federal de Viçosa, onde foram aplicados questionários a estudantes de dois cursos de ciências agrárias, Agronomia e Zootecnia. Tomando como base o número de vagas destinadas à admissão nos referidos cursos no ano de 2013-1 foram aplicados 29 questionários a discentes de agronomia, sendo proporcional à admissão anual de 168 alunos por ano

e 11 questionários a discentes de zootecnia, proporcional à admissão anual de 64 alunos por ano. Dos participantes, 31 viviam na zona urbana<sup>3</sup> e 9 na zona rural. Com o intuito de garantir o sigilo da identidade, os alunos tiveram seus nomes substituídos por uma escala numérica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste artigo busca-se compreender a representação de meio rural elaborada pelos participantes da pesquisa, observando a correlação entre os discursos apresentados pelos discentes e suas aspirações profissionais. Os principais motivos para a escolha dos cursos encontram-se elencados no Gráfico 1. Cabe ressaltar que os estudantes podiam escolher até três motivos principais.

Gráfico 1



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Dentre os principais motivos elencados por discentes oriundos da zona rural destacam-se o desejo de obter conhecimento para a melhora da propriedade familiar, a familiaridade com questões agrárias e em terceiro lugar o desejo de realizar-se pessoalmente. Duas dessas motivações também foram citadas pelos jovens urbanos, embora para eles tenha pesado mais a abertura no mercado de trabalho. Pode-se sugerir que essa escolha tenha sido influenciada pela divulgação (na mídia, inclusive) de que o setor agropecuário foi o que mais se expandiu em 2013, apresentando um crescimento de 7%, segundo dados do IBGE, o que demonstra a expansão de oportu-

<sup>3</sup> A distinção entre zona rural e urbana obedeceu aos parâmetros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE que considera “urbana” as áreas correspondentes às cidades (sedes municipais), às vilas (sedes distritais) ou às áreas urbanas isoladas. A designação de “rural”, por sua vez, abrange toda a área situada fora desses limites.

tunidades para profissionais da área de ciências agrárias. Não apenas o aumento da produtividade no campo vem continuamente sendo destacado, mas também as novas demandas de profissionais na área de pesquisa, como a biotecnologia, por exemplo.

Esta realidade pode motivar os jovens a optarem pela carreira profissional em ciências agrárias devido a um período relativamente longo de constância e equilíbrio na geração de oportunidades. Todavia, Whitaker (1997) alerta que o mercado de trabalho está sujeito a inúmeras flutuações que delimitam seu dinamismo, de maneira que projetar-se a longo prazo baseando-se no que o mercado “dita” pode resultar em frustração e decepção profissional no futuro.

O principal motivo apresentado pelos jovens rurais foi o desejo de contribuir para a melhora da propriedade familiar, o que deixa transparecer um projeto de permanência e continuidade no meio rural e no âmbito familiar e local. Ao contrário das tendências migratórias atribuídas historicamente à juventude rural, os entrevistados demonstram a vontade de obter maior capacitação profissional para a gestão dos negócios familiares e o curso superior ratifica a opção prévia de “ficar” no campo. Rezende (2012) defende, no entanto, a necessidade da construção de políticas públicas que qualifiquem a inserção dos jovens nas atividades rurais, refletindo sobre a importância da formação de profissionais que atuem na mobilização comunitária e na formação de lideranças com vistas ao desenvolvimento rural sustentável.

A familiaridade com questões agrárias é apontada também como um dos motivos centrais para a escolha do curso segundo os participantes da pesquisa. Embora a opção pareça óbvia para os jovens rurais, chama a atenção o número alto de citações pelos jovens urbanos. Em outro momento a pesquisa também inquiriu os alunos acerca do contato que eles tinham com o meio rural antes do ingresso no curso superior. Os discentes rurais, devido à sua origem e trajetória, mantiveram contato contínuo com esse espaço e com suas especificidades. Dentre os jovens de origem urbana 65% afirmaram já ter mantido contato com esse espaço, 17,50% afirmaram nunca ter mantido contato e 17,50% disseram estar mantendo contato somente agora, por intermédio do curso. Esta constatação enfatiza a necessidade de as instituições de ensino superior problematizarem a formação que oferecem aos discentes de agrárias, visto que apenas a “admiração pelo mundo rural” que caracteriza muitos jovens não é suficiente para a formação profissional, conforme enfatizam Godinho e Carvalho (2010). Essa inquietação refere-se aos possíveis entraves que os estudantes que nunca mantiveram contato ou só começaram a manter recentemente terão para compreender a organização social do meio em que irão atuar. Por outro lado, Carneiro (2012) enfatiza que em virtude de um imaginário modernizante que circula na sociedade em relação ao rural, é premente a formação de profissionais instruídos a romper com a mera difusão de tecnologias e que desenvolvam medidas significativas de atuação para a sociedade rural.

Observou-se também que os discentes compreendem a escolha profissional como sinônimo de *realização pessoal*, ficando este em terceiro lugar entre os motivos



apresentados. Este dado dialoga diretamente com as ponderações de Tartuce, Nunes e Almeida (2010) que afirmam que os jovens compreendem a escolarização por um viés positivo; no entanto, os autores colocam em xeque o discurso de que a formação garantirá um futuro promissor conforme enfatizado em representações ainda vigentes em nossa sociedade. No caso desta pesquisa a possível realização pessoal mediante a formação na área de ciências agrárias aparece nas declarações<sup>4</sup> de alunos que demonstram apresentar expectativas positivas - e até românticas - com o meio onde irão atuar:

Espaço rural, é um espaço digno para se criar uma família, ser feliz e obter sucesso profissional. (Aluno 19).

O ambiente rural retrata um local simples onde se tem qualidade de vida, tranquilidade. (Aluno 36).

Destaca-se que nenhum jovem assinalou a opção que atrela a escolha do curso ao status, configurando-se isto como sinal positivo; segundo Soares (1988), embora prestígio e status sejam atributos valorizados socialmente sendo levados em conta no projeto de vida de muitas pessoas, esses fatores não asseguram realização na vida profissional, pois refletem certos modismos passageiros até nas profissões.

O motivo da escolha do curso por intermédio da *influência familiar* não recebeu nenhum crédito por parte dos jovens rurais, em contraponto aos jovens urbanos que indicaram este como o quinto maior motivador para a escolha do curso. Há uma aparente “disparidade” nesse dado visto que os jovens rurais enfatizaram que *a melhora da propriedade familiar* foi um dos motivos centrais para a escolha do curso. Whitaker (1997) afirma que as influências familiares são cruciais e muitas vezes aparecem disfarçadas e inseridas no dia a dia da convivência da família revelando-se nas entrelinhas do contexto doméstico. Entretanto, cabe também destacar que no processo de decomposição-recomposição nas configurações socioespaciais e identitárias sobre o rural verifica-se a valorização positiva desse espaço, principalmente quando comparado aos aspectos negativos das cidades - e que a mídia contribui para disseminar - fazendo com que os jovens rurais se vejam refletidos e influenciados por essa valorização.

As expectativas dos participantes da pesquisa com relação à atuação profissional podem ser visualizadas no Gráfico 2. A principal delas refere-se a *colaborar com a sociedade através da formação*. Este dado mostrou-se sugestivo, visto que, segundo Rezende (2012), as instituições de ensino superior destinadas à formação de discentes de ciências agrárias fundamentam-se em propostas curriculares baseadas na divisão disciplinar, produzindo uma concepção fragmentada e técnica. A opção de colaborar com a sociedade ficará melhor explicitada no Gráfico 4, que mostra que os discentes identificam a docência, a pesquisa e a extensão, bem como o desenvolvimento de

---

<sup>4</sup> As declarações aqui transcritas obedecem à linguagem utilizada pelos entrevistados no preenchimento dos questionários não havendo correção ou alteração por parte das autoras do artigo. Os questionários foram aplicados em classe durante períodos de aula com consentimento dos respectivos professores.

produtos agroindustriais e outros projetos institucionais como áreas de atuação preferenciais para a futura profissão.

Gráfico 2



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Para nortear a interpretação desses dados cabe destacar aqui algumas ações diferenciadas na Universidade Federal de Viçosa, visto que mesmo mantendo na grade dos cursos de ciências agrárias disciplinas que, em sua grande maioria, preparam os discentes para a maximização da produtividade no espaço rural, a instituição que desde a sua criação, em 1922, é referência na elaboração e execução de pesquisas relacionadas ao agronegócio, vem propiciando também oportunidades de ampliação de um olhar analítico sobre as especificidades rurais que extrapolam os aspectos produtivistas. A disciplina Extensão Rural, por exemplo, é obrigatória para os cursos de Agronomia e Zootecnia e ambos contam ainda com disciplinas como Sociologia Rural, Ciências Sociais e Ambiente, Sociologia Aplicada ao Agronegócio, Desenvolvimento Socioeconômico, Meio Ambiente, Desenvolvimento Sustentável e Atuação Profissional como optativas em suas grades curriculares, proporcionando um viés humanista na formação dos discentes.

Além disso, destacam-se as parcerias entre a universidade e organizações como o Programa de Extensão Universitária (TEIA – UFV), Centro de Tecnologias Alternativas (CTA-ZM), Programa de Formação de Estudantes e Qualificação de Profissionais para Assistência Técnica (Programa Residência Agrária), Programa Nacional de Educação no Campo (PRONERA), o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA),

bem como o contato dos alunos, através de estágios e pesquisas de Iniciação Científica, com sindicatos, cooperativas e associações de trabalhadores rurais que colaboram para a compreensão mais abrangente do espaço rural.

Na interpretação de Silva e Miranda (2013), baseadas nos resultados de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Viçosa em parceria com o Programa de Residência Agrária, parece estar ocorrendo uma mudança significativa em algumas instituições de ensino superior, pois até bem pouco tempo os estágios curriculares para os alunos de agronomia e veterinária eram oferecidos apenas por grandes centros agropecuários ou empresas do agronegócio; recentemente esses estágios passaram a inserir pequenas propriedades e áreas de reforma agrária, viabilizando o contato direto dos discentes com o contexto social dos pequenos proprietários e trabalhadores rurais.

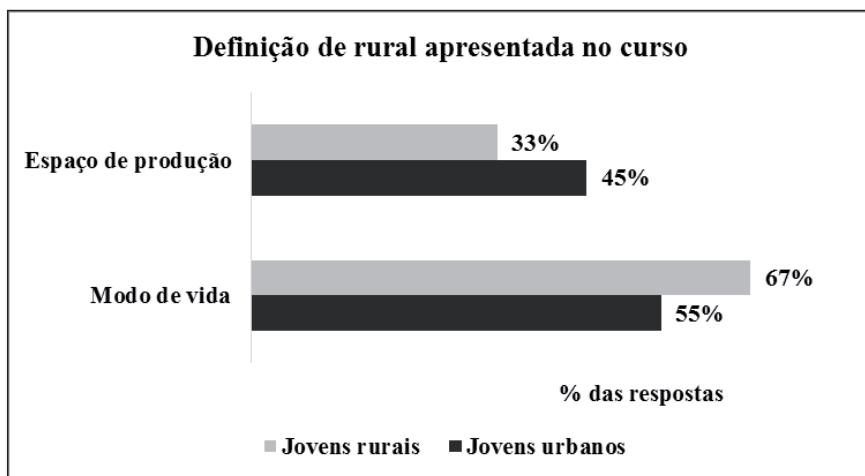
Vale destacar ainda no âmbito dessas mudanças que a Universidade Federal de Viçosa, em 2014, passou a oferecer a Licenciatura em Educação do Campo – Ênfase em Ciências da Natureza, presencial em regime de alternância, inserida na parceria com o MST, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG), o INCRA e o PRONERA. Ainda não é possível analisar a inserção dos alunos desse curso no cotidiano da vida acadêmica da universidade, mas o próprio fato da criação do curso aponta para um projeto educacional que relativiza a concepção tecnicista que contribuiu historicamente para a imagem institucional da UFV.

Dentre as demais expectativas profissionais apontadas pelos discentes da pesquisa o anseio pela estabilidade é evidenciado pelos jovens rurais e urbanos na opção de trabalho em instituição pública, que foi a segunda aspiração mais apontada. Essa importância é compreensível por vários motivos. Segundo Guimarães e Júnior (2012) o trabalho é concebido por muitos jovens rurais como forma de obter uma melhor qualidade de vida. Assim, a expectativa de trabalho dos entrevistados em instituição pública pode estar ligada à estabilidade empregatícia e financeira que ela representa e que coloca os futuros profissionais a caminho de uma carreira a longo prazo. Além disso, essa carreira seria pouco influenciada pelo ambiente de crise que tem flexibilizado o mercado de trabalho e colocado a juventude como o segmento mais afetado pelas turbulências. Essa interpretação ajuda também a entender porque, em menor escala, os jovens optaram por iniciar um empreendimento particular, o que denota que o empreendedorismo, embora seja um conteúdo presente em disciplinas e cursos extracurriculares na UFV, na prática é uma escolha que comporta riscos independentes da ação individual, mas que podem levar o projeto da carreira profissional ao fracasso.

Outro aspecto significativo incide sobre a alternativa reconhecimento social ter sido alvo de poucas menções, sendo apontada apenas em sexto lugar pelos jovens rurais e em sétimo pelos jovens urbanos. Este é um saldo positivo visto que, de acordo com Whitaker (1997), muitos jovens ingressam em cursos de prestígio e status e tempos depois solicitam a transferência para outro curso, totalmente diferente, fazendo prevalecer escolhas subjetivas de maior identificação pessoal com a nova carreira.

Outra questão da pesquisa solicitou aos jovens que identificassem a definição de rural predominante em seus cursos. Verifica-se no Gráfico 3 que em ambos os cursos prevalece, segundo os entrevistados, a concepção social do rural como espaço de vida, destacando-se que os discentes de origem rural, a partir de suas trajetórias pré universitárias, demarcaram com maior porcentagem essa percepção.

Gráfico 3



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Esses dados divergem dos resultados apresentados por Naiff, Monteiro e Froehlich (2012), Rezende (2012), Godinho e Carvalho (2010) e Seifert e Santiago (2009) que, após estudo realizado com discentes de ciências agrárias de institutos federais de ensino superior localizados nas regiões sul e sudeste, observaram que os alunos, expostos durante a formação a conteúdos de viés tecnicista tendem a preocupar-se com o resultado de suas intervenções e somente em escala menor a preocupar-se com o processo que envolve os diversos agentes sociais do meio rural.

Todavia, os dados da pesquisa convergem com o estudo de Pimentel e outros (2008) que analisaram a participação dos alunos de ciências agrárias com o Programa Residência Agrária e perceberam a construção de um olhar diferenciado dos discentes que, após essa experiência, passaram a valorizar as especificidades socioculturais do mundo rural. Assim, a pesquisa desses autores indica, tal como sugerimos também para o caso dos discentes da UFV, que as atividades de estágios e pesquisa fora do circuito tradicional das empresas tem contribuído para mudar as representações dos discentes sobre a realidade mais complexa do campo. Alguns depoimentos colhidos em nossa pesquisa atestam essa mudança:

Não vejo o meio rural somente como um produtor para a cidade, mas sim, parte integrada e integrante da sociedade. Em que as pessoas contribuem não só para economia do país como para o desenvolvimento humano. (Aluno 1).

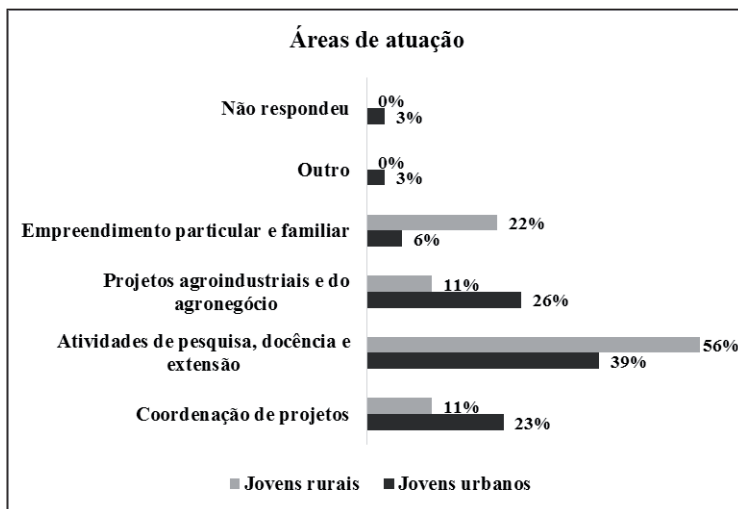
O espaço rural não é apenas um local de produção de gêneros agrícolas com o objetivo de abastecer o mercado, mas um local de interações socioculturais e históricas. Devemos levar em consideração as particularidades de cada comunidade e não apenas a força de trabalho e o produto. (Aluno 11).

Em meu curso, rural é muito mais próximo de local de produção agropecuária; visão bastante tecnicista, porém espaço rural é o local onde além, de se produzir alimentos, produz cultura, produz vida e sentimentos. (Aluno 4).

A compreensão difundida pela maioria dos participantes da pesquisa parece, assim, extrapolar os conhecimentos disciplinares dos seus cursos, como indica a avaliação crítica do aluno 4. No entanto, essa compreensão não é compartilhada por todos os profissionais da área de ciências agrárias, o que leva Godinho e Carvalho (2010) a alertarem que para a formação de futuros profissionais não basta um conhecimento sólido sobre “como produzir” e a partir de quais parâmetros de produtividade; é necessária também a concepção de que a produção agropecuária está imersa em uma cultura com mecanismos próprios, com graus diferenciados de aproximação e de afastamento da lógica de mercado, na qual os profissionais irão intervir.

Para finalizar, a pesquisa também questionou aos discentes a área de atuação almejada, sobressaindo a opção das atividades de pesquisa, docência e extensão. (Gráfico 4). Essa escolha reforça o princípio de que a universidade tem implementado medidas que viabilizam a articulação entre teoria e prática através da adoção de programas que permitem, já durante o curso, o contato com diversas instituições dessas áreas de atuação, possibilitando aos discentes a elaboração de um projeto profissional mais abrangente. Essa escolha também ajuda a compreender com mais clareza as expectativas profissionais de “colaborar com a sociedade”, como visto no Gráfico 2, pois a pesquisa, a docência e a extensão cobrem um espectro amplo de possibilidades ocupacionais de cunho social. A opção por coordenação de projetos também pode ser interpretada nessa linha.

Gráfico 4



Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Como segunda alternativa, os discentes rurais apontaram a área de empreendimentos particulares e familiares como espaço de atuação, o que reafirma o desejo de reprodução social dos negócios da família, mas sob a condução de uma gestão mais qualificada que pressupõe aplicar os conhecimentos teóricos em uma base empírica. A opção por atividades de pesquisa, docência e extensão, majoritária nesse grupo, também permite sugerir a hipótese de um desejo de atuação com vistas a desenvolver processos, métodos ou tecnologias que tragam mais qualidade de vida aos moradores do campo, lembrando que a grande maioria dos jovens rurais compreende esse espaço para além do significado econômico da produção.

Um dado que merece atenção refere-se à opção de trabalhar com projetos agroindustriais e do agronegócio, que recebeu apenas 11% das escolhas dos jovens rurais. Analisando as grades curriculares de ambos os cursos, verifica-se que as disciplinas obrigatórias em conjunto preparam mais intensamente os alunos para o desenvolvimento de funções associadas a esses dois campos de atuação que, inclusive, são as que despertam maior visibilidade na mídia. Todavia, os discentes urbanos conceberam as mencionadas áreas como promissoras, deixando em última colocação a administração de empreendimentos familiares e particulares, o que pressupõe que não pretendem se tornar “donos do próprio negócio” no sentido de serem futuros proprietários rurais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar as representações sociais de discentes das ciências agrárias da Universidade Federal de Viçosa a respeito do futuro campo de atuação e sobre a concepção de rural presente nos cursos, mostrando também, a partir do diálogo com outras pesquisas em contextos diferentes, as modificações que estão sendo verificadas na formação profissional dos alunos. Ao contrário de outras investigações que focalizam a matriz disciplinar, optou-se por identificar outras influências na formação dos discentes, tais como a oferta de disciplinas de caráter sociológico, a inserção em atividades de estágios e pesquisas científicas, bem como a mudança do perfil da própria universidade que gradualmente se abre para o oferecimento de cursos para além do seu carro chefe, as ciências agrárias, o que pode estimular a própria vivência acadêmica e ampliar as visões de mundo.

Os dados apresentados aqui ainda estabelecem uma correlação entre a origem urbana ou rural dos discentes e procuram avançar na discussão a respeito da bagagem cognitiva que os jovens possuem sobre a profissão e sobre a influência desses conteúdos vividos nas escolhas pelas ciências agrárias. Ser ou não de origem rural resulta também em algumas diferenças no que se refere à instrumentalidade da profissão e à utilização dos conhecimentos adquiridos nos cursos. Entende-se, a partir dos dados coletados, que há necessidade de outras pesquisas que avancem sobre essas particularidades dos discentes, inclusive no que se referem ao gênero, etnia e formas de acesso à universidade, temas que não foram o objetivo deste estudo. O trabalho aponta, finalmente, para a necessidade de outras investigações com foco nas modificações de concepção dos discentes durante a realização do próprio curso, verificando-se o que torna possível a crítica ao perfil programático e as formas que eles encontram, dentro ou fora das universidades, para relativizar o viés tecnicista que tem acompanhado a trajetória das ciências agrárias.

A familiaridade com o mundo rural foi um dos motivos citados pelos jovens rurais e urbanos para a escolha do curso e essa escolha se deu ou pela própria vivência anterior no espaço rural ou mediada por outras informações, no caso dos jovens urbanos. Assim, os jovens urbanos destacaram que as influências familiares estiveram associadas à sua escolha profissional, embora o contato que eles tivessem com o meio rural fosse distante e, para muitos, só se concretizou durante o desenvolvimento do curso. Pode-se aventar que para eles a influência familiar pode estar ligada à origem rural dos membros mais velhos da família ou mesmo pela divulgação midiática sobre as vantagens comparativas de se morar no campo e suas possibilidades de emprego e desenvolvimento pessoal e financeiro. Cabe ressaltar que esses discentes também destacaram a abertura no mercado de trabalho para os cursos de ciências agrárias como influência na escolha profissional. Talvez por isso a segunda e a terceira opções das áreas de atuação profissional para esses alunos seja, respectivamente, o trabalho em projetos agroindustriais e do agronegócio e coordenação de projetos, denotando uma visão mais gerencial sobre as atividades do campo.

Os jovens rurais evidenciaram que o status oferecido pelo curso não interferiu na escolha da profissão. No entanto, a instrumentalidade dos conhecimentos adquiridos está voltada para a gestão da propriedade familiar e, portanto, pela permanência desses jovens no campo. Assim, supõe-se que embora não admitida no discurso, esses discentes são motivados por relações subjetivas e afetivas de sentimento de pertença à família e ao ambiente local.

Os participantes projetam expectativas pela estabilidade profissional, sobretudo mediante ocupação de cargos públicos. Os discentes apontaram como principal perspectiva de atuação o trabalho com atividades que articulem a pesquisa, a docência e a extensão, o que explica o objetivo genérico de contribuir profissionalmente com o desenvolvimento da sociedade. Por parte dos discentes rurais o desejo pela estabilidade se fortalece também na possibilidade de trabalho em suas próprias propriedades ou em propriedades de familiares, nas quais serão os donos e não empregados. Assim, as oscilações do “mercado de trabalho” para eles não são colocadas com a mesma importância que para os jovens urbanos.

Os participantes enfatizaram que a concepção de rural difundida por seus cursos está atenuada, pois se visualiza no conteúdo programático tanto o delineamento das relações socioculturais como a função econômica da produção no campo. Essa compreensão diverge dos resultados de investigações realizadas por outros pesquisadores em contextos diferentes, que enfatizam que os cursos de ciências agrárias apresentam uma formação tecnicista voltada para o aprimoramento das funções produtivas, não se atentando às relações históricas, culturais e sociais desse meio. Para os alunos da UFV, mesmo havendo a percepção de que o viés estritamente econômico e técnico de seus cursos tenha sido relativizado por um olhar mais “social”, eles ainda são passíveis de crítica.

Essa crítica coloca como hipótese as chances, cada vez mais estimuladas pela universidade, dos alunos terem, por meio de outras atividades e contatos institucionais, a oportunidade de construir um olhar “de fora” do próprio curso, o que vem sendo propiciado pelo contato com as múltiplas realidades do campo e gera, por sua vez, uma reinterpretação do papel social e político dos profissionais das ciências agrárias. Percebe-se, assim, a importância dos estágios, da participação em projetos de pesquisa e extensão e do contato interdisciplinar entre os alunos de diferentes áreas como ingredientes importantes não apenas para aproximar os jovens da realidade profissional, para conciliar ou questionar a teoria e a prática, mas também como forma de estimular a desmistificação das profissões, algumas com forte conteúdo messiânico, e cujos estereótipos estão arraigados no próprio ambiente acadêmico.



PAULA, D. B.; DOULA, S. M.. Social Representations of the Countryside Among Agrarian Sciences' Students. *Educação em Revista*, Marília, v. 17, n.1, p. 101-118, Jan.-Jun. 2016.

**ABSTRACT:** This work analyzes the social representations that rural and urban students in the area of agrarian sciences of the Federal University of Viçosa have about the countryside. The responses from 40 questionnaires concerning the motivations and expectations about the college courses and the imaginary built by those students over the countryside on which they intend to work in the future have been analyzed. The responses showed that the students that intend to work in the countryside have a comprehension of the rural space that overcome the technical or economic imaginary that has historically been built over it. Those students have incorporated humanistic and sociological conceptions over the actual rural dynamics.

**KEYWORDS:** Social Representations. Agrarian sciences. Countryside.

## REFERÊNCIAS

- ALEM, J. M. *Caipira Country: a nova ruralidade brasileira*. Tese. (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade São Paulo, São Paulo, 1996.
- BRUMER, A. As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI. In: RENK, A.; DORIGON, C. (Orgs.). *Juventude rural, cultura e mudança social*. Santa Catarina: Editora Argos, 2014. p.115-138.
- CARNEIRO, M. J. (Org.). Do rural como categoria de pensamento e como categoria analítica. *Ruralidades Contemporâneas*. Modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- DUVEEN, G. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- ÉBOLI, R. L. *Globo Rural: Mito e realidade do homem do campo*. Dissertação. (Mestrado em Ciências)- Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007.
- FROELICH, J. M. A (re)construção de identidades e tradições: O rural como tema e cenário. *Revista Antropológica*, Niterói, v.1, n.14, p. 117-132, 2003.
- GODINHO, R. F.; CARVALHO, R. C. R. Reflexões sobre a formação do profissional de Ciências Agrárias. *Ciências et Práxis (Online)*, Passos, v. 3, n.5, p.69-74, 2010.
- HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação da pré-escola à universidade*. Porto Alegre: Educação e realidade, 1993.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 11-44.
- LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro – Mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social - Revista de sociologia da USP*, v.17, n.2, p. 35-57, 2005.
- NAIFF, L. A. M.; MONTEIRO, R. C.; FROELICH, J. M. O universo rural nas representações sociais de estudantes de ciências agrárias em duas diferentes regiões geográficas. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.85-94, 2012.

NOGUEIRA, C. M. M. Desafios teóricos na análise sociológica de um momento crucial das trajetórias escolares: a escolha do curso superior. In: Encontro Anual da ANPOCS, 2005, São Paulo, SP. *Anais...* São Paulo, SP, 2005.

PESAVENTO, S. J. Em busca de uma outra história: Imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PIMENTEL, A. E. B.; PINTO, M. S. V.; CRUSCIOL, J. H.; SIMON, E. J.; CARMO, M. S. A formação do profissional de ciências agrárias e o programa de residência agrária – experiência no assentamento Laudenor de Souza (SP) – Brasil. *Educação em Revista*, Marília, v.9, n.2, p.21-36, 2008.

REZENDE, B. G. *Novo perfil do profissional de assistência técnica e extensão rural*. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Agronomia). Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri Faculdade de Ciências Agrárias. Diamantina, 2012.

SEIFERT, A. L.; SANTIAGO, D. C. Formação dos profissionais das áreas de ciências agrárias em segurança do trabalho rural. *Ciência e Agrotecnologia*, Lavras, v. 33, n. 4, p. 1131-1138, 2009.

SILVA, L. H.; MIRANDA, É. L. Educação de jovens e adultos do campo: A experiência do programa residência agrária. In: II Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas sobre Educação do Campo e IV Jornada de Educação Especial no Campo, 2013, São Carlos, SP. *Anais...* São Carlos, SP, 2013.

SOARES, D. H. P. *A escolha profissional: do jovem ao adulto*. São Paulo: Editora Summus, 2002.

SOARES, D. H. P. *O que é escolha profissional*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

TARTUCE, G. L. B. P.; NUNES, M. M. R.; ALMEIDA, P. C. A. Alunos do ensino médio e atratividade da carreira docente no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 40, n. 140, p. 445-477, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. Pró-Reitoria de Ensino. *Catálogo de graduação*. Viçosa: UFV; PRE, 2008.

WANDERLEY, M. N. B. *O Mundo rural como espaço de vida – reflexos sobre a propriedade de terra, agricultura familiar e ruralidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

WELL, P. *Sua vida, seu futuro: guia prático de orientação e informação sobre escolha da profissão para pais professores, estudantes, chefes de pessoal e orientadores educacionais*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1997.

WHITAKER, D. *Escolha da carreira e globalização*. São Paulo: Moderna, 1997.

---

Enviado em: 24/02/2015.

Aprovado em: 16/02/2016.